UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
UEMG – Unidade Campanha

O MISTÉRIO DO FARAÓ QUE DECIDIU MORAR EM CAMPANHA:
Egiptomania, transposição didática e memória no Circuito das Águas

Campanha, MG
2026

Pedro Miguel Carvalho Silva

Ygor Klain Belchior

O MISTÉRIO DO FARAÓ QUE DECIDIU MORAR EM CAMPANHA:

Egiptomania, transposição didática e memória no Circuito das Águas

Relatório apresentado à 10ª FEMIC - Feira Mineira de Iniciação Científica.
Orientação do Prof. Ygor Klain Belchior

Campanha, MG

2026

RESUMO

Este trabalho investiga as manifestações de Egiptomania na paisagem urbana de Campanha-MG à luz da conceituação formulada por Margareth Bakos. O projeto objetiva converter os resultados da pesquisa histórica em uma ferramenta eficaz de Educação Patrimonial, orientada pela perspectiva de "alfabetização cultural" do IPHAN. A metodologia combinou a identificação e catalogação dos monumentos egiptomaníacos locais com a transposição didática fundamentada na teoria do conto de fadas de J.R.R. Tolkien, mobilizando categorias analíticas como Mundo Secundário, Recuperação e Eucatástrofe para a construção da trama. Os resultados centrais compreendem o mapeamento georreferenciado do acervo arquitetônico e material nilótico na cidade e a elaboração do conto infantojuvenil paradidático "O Faraó que escolheu ficar". Na narrativa, o jovem Tutancâmon desperta na Campanha contemporânea e, guiado por divindades egípcias, percorre monumentos locais e descobre a memória como chave para a valorização patrimonial e superação do esquecimento. Como desdobramentos de divulgação científica, a obra foi adaptada para audiobook com mediação por QR Code e apresentada em eventos culturais locais. O conto consolida-se como um recurso paradidático que articula a tríade teórica Egiptomania, Educação Patrimonial e História Pública, transformando o conhecimento acadêmico em instrumento lúdico de cidadania e preservação da memória coletiva.

Palavras-chave: Egiptomania, Educação Patrimonial, História Pública, J.R.R. Tolkien, Campanha-MG.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA	10
3. OBJETIVO GERAL	14
4. METODOLOGIA	14
5. RESULTADOS OBTIDOS	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	19
APÊNDICE 1	28
APÊNDICE 2	41

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga a presença da Egiptomania na paisagem urbana de Campanha-MG e o paradoxo que a envolve: monumentos de inspiração egípcia integram o cotidiano da cidade, mas permanecem pouco reconhecidos em seus significados históricos e culturais.

Diante desse cenário, o trabalho propõe a transposição didática desse patrimônio por meio da criação de um conto de fadas paradidático, fundamentado nas reflexões de J. R. R. Tolkien e nos princípios da Educação Patrimonial. Para tanto, esta introdução está organizada em duas subseções: na primeira (1.1), apresenta-se o cenário de Campanha-MG e a presença de elementos egiptomaníacos em sua paisagem urbana; na segunda (1.2), discute-se a invisibilidade simbólica desses bens e as ações já realizadas pela pesquisa, como a produção de vídeos de divulgação patrimonial e o diálogo com a Prefeitura Municipal, que contribuíram para a reflexão sobre a necessidade de desenvolver um recurso educativo de maior permanência.

1.1 O Egito Mineiro

O obelisco, monumento egípcio por excelência, tinha como função principal a religiosa. Era considerado o próprio raio solar petrificado, carregando em si a função mítica de representar a figura do deus sol, recebendo, inclusive, oferendas.

Curiosamente, tal elemento religioso desta civilização antiga é encontrado em diversas cidades do Brasil, inclusive em uma cidade mineira interiorana chamada Campanha (Figura 1).

Figura 1 - O Obelisco do Bicentenário



Fonte: O CAMPANHENSE, 2016

Durante a pesquisa, notamos como a cidade de Campanha-MG abriga, de forma rica, uma das manifestações mais curiosas de alguns centros urbanos brasileiros: a presença de monumentos patrimoniais que trazem consigo uma civilização de mais de 5 mil anos atrás, o Egito Antigo.

A percepção da influência da antiguidade nesses monumentos é importante, pois eles demonstram todo um processo de transculturação que atravessou séculos e mares, contando junto a si mesmos toda uma trajetória cultural e histórica da humanidade (Saraiva, 2006).

Representam em si a vivacidade de uma cultura do Egito Antigo que se reapresenta, e de uma outra cultura que a reinventa, demonstrando na sua própria existência como a antiguidade, essa que muito se aparenta distante, é encontrada na praça, na rua ou mesmo nas igrejas frequentadas todos os dias.

A presença deste Egito na atualidade insere-se em um fenômeno mais amplo conhecido como Egiptomania, que corresponde ao fascínio e à ressignificação, no presente, de elementos culturais, visuais e simbólicos da civilização egípcia, apropriados de modo criativo por diferentes sociedades ao longo do tempo (Bakos, 2004).

Em Campanha, cidade histórica do sul de Minas Gerais, essa manifestação é particularmente rica. A paisagem urbana abriga obeliscos, discos solares, estátuas zoomórficas com função de guardiãs, e estruturas piramidais como funerária (Figura 2).

Figura 2 - Pirâmide do Cemitério



Fonte: Acervo LEPHAMA, 2023

Contudo, a pesquisa de campo revelou um paradoxo: esses monumentos, embora presentes materialmente, permanecem amplamente invisíveis à população. O Obelisco do Bicentenário, por exemplo, é popularmente conhecido como "Belisco", pois a praça era um lugar de encontro romântico dos casais. A própria denominação “belisco” já demonstra uma ressignificação do nome do monumento e, embora essa denominação constitua uma dimensão da memória local, ela evidencia, por si só, o desconhecimento da origem egípcia do monumento. O caso permite problematizar como diferentes significados de um mesmo espaço são preservados, transformados ou deixados em segundo plano ao longo do tempo.

A invisibilidade simbólica desses monumentos coincide, em alguns casos, com condições precárias de conservação.

1.2 A invisibilidade

A simples presença de monumentos egípcios na paisagem não garante que sejam percebidos como egípcios. Como destacam Bakos e Brito (2004, p. 75), muitos obeliscos espalhados pelo Brasil "passam totalmente desapercebidos em meio aos demais equipamentos urbanos" ou são conhecidos por denominações que obscurecem sua origem.

Em Campanha, essa invisibilidade é ressaltada pelo estado de conservação precário de alguns monumentos, como o Obelisco do Bicentenário, que apresenta pichações e o entorno descuidado (Figura 3).

Figura 3 - O Estado do Obelisco



Fonte: O CAMPANHENSE, 2016

Tais constatações reforçam que há não só a perda da memória egípcia que estes monumentos carregam, mas também a perda de sua importância cívica e memorialística. Pois, mais do que resultado de escolhas estéticas isoladas, esses monumentos integram uma narrativa urbana que buscou afirmar Campanha como centro político, cultural e civilizatório do sul de Minas Gerais.

Essa memória cívica perpassa a inserção e construção de um projeto amplo de civilização ocidental (Funari; Funari, 2015) A própria edição de 26 de setembro de 1937 do jornal local, A Cidade, ressalta isso, ao destacar como as comemorações do bicentenário da "Princeza do Sul" foram programadas para rememorar "um passado rico e glorioso" de uma cidade como Meca e Roma, por cultuar a Deus, o saber e o civismo. Ao final da efeméride, no dia 10 de outubro de 1937, o periódico resumiu o evento: uma comemoração de "povo civilizado e culto", de "desbravadores e nomes ilustres" e de "tantos outros varões eminentes" de "tradições gloriosas" (O Bi-centenário, 1937, p. 2-3). Reforçando a busca da construção da imagem da jovem "princeza do sul" como parte do Ocidente e, acima de tudo, como centro civilizatório e cultural do nascente sul de Minas.

De tal maneira, podemos sustentar a afirmação de que a simples presença de monumentos patrimoniais não comunica tudo aquilo que representam para aquele que os vê. Ou seja, não só a memória deste passado egípcio está invisível, mas também a memória e as intencionalidades cívicas que motivaram a construção de tais monumentos.

O projeto então buscou lançar luz a esses monumentos, desobscurecer a importância histórica que carregam. Desta forma, o projeto traz o caráter interdisciplinar, pois insere-se no diálogo com a Educação Patrimonial, definida pelo Guia Básico da Educação Patrimonial do InstiTuto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN] como um instrumento de "alfabetização cultural" que "possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido" (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 14). Um processo muito importante para a compreensão múltipla e plural da cultura brasileira pelos(as) alunos(as).

Nas etapas iniciais da investigação patrimonial, desenvolvidas em anos anteriores, a pesquisa buscou ultrapassar o levantamento dos monumentos de influência egípcia presentes em Campanha-MG e promover sua valorização pública. Para isso, estabelecemos diálogo com a Prefeitura Municipal e produzimos vídeos de divulgação científica e patrimonial, publicados nas redes sociais, especialmente no Instagram, com o objetivo de apresentar à população esses monumentos, suas referências egípcias e seus

significados históricos. Entre os espaços abordados, destaca-se a Praça Dr. Jeferson de Oliveira, onde se localiza o Obelisco do Bicentenário.

A comparação entre uma fotografia de 2016 e registros atuais (Figura 3) permite observar mudanças na praça e nas condições de seu entorno, enquanto os vídeos publicados no perfil da Prefeitura documentam as ações de divulgação realizadas nesse contexto (Resultados). Essas iniciativas constituíram um primeiro esforço para aproximar a pesquisa da sociedade e ampliar a visibilidade do patrimônio local.

A experiência com essas ações também levou à reflexão sobre a necessidade de desenvolver formas complementares de divulgação. Embora os vídeos permaneçam disponíveis na internet, sua visibilidade nas redes sociais é passageira, uma vez que novas publicações tendem a deslocar conteúdos anteriores do fluxo de atenção do público.

Diante disso, buscamos desenvolver um recurso que pudesse ter maior permanência e ser retomado em diferentes contextos educativos. Assim, a criação de um conto de fadas paradidático surgiu como uma nova etapa da pesquisa, articulando a investigação histórica, a imaginação literária e a Educação Patrimonial. Fundamentada nos conceitos de J. R. R. Tolkien, a proposta busca contribuir para o reconhecimento do patrimônio de Campanha-MG e estimular um olhar renovado sobre os monumentos que integram a paisagem cotidiana da cidade.

2 JUSTIFICATIVA

A justificativa deste trabalho fundamenta-se em três eixos complementares: a necessidade de combater a invisibilidade do patrimônio egiptomaníaco de Campanha-MG, a relevância da Educação Patrimonial para a formação de sujeitos capazes de interpretar o espaço que os cerca, e o potencial do conto de fadas como ferramenta pedagógica capaz de articular imaginação, memória e conhecimento histórico. A pesquisa não se limita a diagnosticar o esquecimento; ela propõe uma resposta concreta, construída a partir do diálogo entre a investigação acadêmica e os princípios da História Pública.

Para tanto, esta seção está organizada em dois momentos. Na primeira subseção (2.1 O Reencantamento), discute-se como a criação do conto paradidático pode

ultrapassar o ensino meramente informativo sobre bens culturais, formando um olhar capaz de reconhecer e valorizar o patrimônio local. Na segunda (2.2 A Fantasia contra o Esquecimento), aprofunda-se a justificativa da escolha do gênero literário, articulando seu potencial pedagógico, sua função social e simbólica e seu alinhamento com as diretrizes da Educação Patrimonial, da BNCC e dos Campos de Experiência da Educação Infantil.

2.1 O Reencantamento

Para enfrentar essa invisibilidade, o projeto propôs a criação de um conto de fadas paradidático que articula a fantasia à Educação Patrimonial, buscando aproximar os leitores dos significados históricos e culturais dos monumentos.

Desta forma, ultrapassamos o ensino de informações sobre bens culturais, focando em formar sujeitos capazes de observar, interpretar e atribuir sentido ao patrimônio que os cerca.

E, ao promover a educação patrimonial, criam-se condições para que os estudantes compreendam que o patrimônio não se restringe a museus e grandes monumentos, mas inclui também os elementos simbólicos que estruturam o cotidiano da cidade. Tal perspectiva amplia o entendimento da História enquanto prática viva e situada, que opera não apenas na temporalidade do passado, mas na relação entre memória, espaço e identidade.

Buscou-se nesta criação paradidática uma narrativa que consiga criar vínculos afetivos com os espaços vividos, tornando assim possível o florescimento de um pertencimento histórico e cultural. E que desperte, acima de tudo, a apreciação e o encantamento que esses monumentos perderam com o tempo, pois, para apreciar algo, seja em sua beleza ou importância, é preciso primeiro saber enxergar esses traços, ter olhos afiados para ver o tesouro que se guarda para além da camada de pedra e cal.

A educação patrimonial, nesse sentido, não consiste apenas em informar o indivíduo sobre a existência de determinado bem, mas em formar um olhar capaz de

percebê-lo. Antes de preservar, é necessário reconhecer; antes de reconhecer, é necessário aprender a ver.

Para apreciar algo é, antes de tudo, como bem disse Brancaglion, "[...] descobrir uma inventividade que não nos aparece num primeiro momento, porque ela se exprime por aspectos aos quais não estamos acostumados. (2003, p. 7)"

E, para "acostumar" o olhar a estes monumentos, escolhemos construir uma narrativa fantástica em forma de um conto de fadas.

2.2 A fantasia contra o esquecimento

A escolha pelo gênero literário justifica-se, em primeiro lugar, por seu potencial pedagógico. Segundo Gomes e Silva (2019), os contos de fadas são capazes de estimular a imaginação e a criatividade, favorecer o desenvolvimento emocional por meio de temas universais, transmitir valores e facilitar a aprendizagem de conteúdos complexos de modo lúdico.

Complementarmente, Kielb e Mendes Silva (2020) ressaltam a centralidade da Mediação docente para a eficácia dessas narrativas. Para os autores, a visão do educador sobre a infância e a literatura influencia sua prática pedagógica; cabe a ele guiar a reflexão e a construção de significados, estabelecendo conexões entre os contos e a vida dos alunos para, assim, fomentar o desenvolvimento integral da criança em suas dimensões cognitiva, emocional e social.

Para além dessas dimensões, os contos de fadas sempre desempenharam um papel social e simbólico, refletindo as concepções de mundo de cada época (Angelino, 2024).

É precisamente essa característica que os torna instrumentos de consciência temporal, pois são capazes de ajudar a criança a perceber a distância histórica, convidando-a comparar passado e presente, reconhecendo permanências e transformações, um exercício fundamental à formação do pensamento histórico.

Essa dimensão comparativa é o eixo que articula a ferramenta ao objeto de estudo. Ela é particularmente relevante para compreender as diferentes apropriações dos símbolos egípcios e sua ressignificação na arquitetura campanhense.

Por meio da narrativa fantástica, a criança acessa um tempo distante de forma lúdica, o que favorece o diálogo entre o imaginário, uma Campanha mágica, e o conhecimento histórico, a partir da comparação do uso dos monumentos. Dessa forma, a abordagem alinha-se aos princípios da Educação Patrimonial e da Didática da História, visando despertar o sentido de pertencimento e a compreensão da temporalidade.

Além disso, o próprio Guia Básico de Educação Patrimonial do IPHAN ressalta que o patrimônio cultural pode e deve ser abordado por meio de linguagens criativas, citando, entre suas possibilidades, “a criação literária” e “o uso de narrativas como histórias infantis” (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 34). Essa diretriz oficial reforça a pertinência do conto de fadas como recurso paradidático central neste trabalho, uma vez que, ao mobilizar o imaginário, ele se converte no instrumento de alfabetização cultural capaz de aproximar o aluno do patrimônio de forma afetiva e interdisciplinar.

E neste sentido, a produção de um material paradidático alinhado à Educação Patrimonial encontra respaldo nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de 2013 e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que rege as aprendizagens essenciais. O conto de fadas, especificamente, está em consonância com os Campos de Experiência da Educação Infantil.

O projeto utiliza o poder da imaginação (Campo de Experiência: Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação) para estimular a fruição e a expressão artística (traços, sons, cores e formas), mas, sobretudo, atende ao Campo Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações Ao contar a história do Faraó em Campanha, o conto estimula a criança a explorar o espaço físico de sua comunidade (monumentos) e a estabelecer relações entre o tempo presente e o passado.

Desta forma, o conto de fadas constrói a apropriação consciente do patrimônio, transformando a pesquisa acadêmica em um material paradidático que atende às metas educacionais do país.

Em síntese, a inovação do projeto reside na articulação proposta. Como demonstrado, os estudos supramencionados ressaltam o potencial dos contos de fadas como ferramentas pedagógicas capazes de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem de forma lúdica. Este trabalho avança ao aplicar esse potencial à decodificação da

Egiptomania local, na expectativa de que a atividade estimule a criação de narrativas semelhantes para outras cidades e contextos no ensino de História.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Promover o ensino de História e a Educação Patrimonial em Campanha-MG por meio da elaboração de um conto de fadas sobre a Egiptomania presente na cidade, destinado à utilização como ferramenta paradidática.

3.2 Objetivos específicos

- Pesquisar e documentar os elementos arquitetônicos de influência egípcia presentes em Campanha-MG, contextualizando-os historicamente e socialmente;
- Criar um conto de fadas original e envolvente que incorpore os elementos arquitetônicos pesquisados em sua narrativa, tornando o aprendizado sobre a história local acessível;
- Disponibilizar o conto de fadas como material paradidático complementar para o trabalho com História e patrimônio cultural nas escolas públicas de Campanha-MG.

4 METODOLOGIA

A execução deste projeto organizou-se em três etapas complementares: i) a fundamentação teórica sobre Egiptomania; ii) o levantamento e catalogação dos objetos em Campanha-MG; e iii) a criação do conto de fadas como produto de intervenção pedagógica. O percurso metodológico buscou articular pesquisa histórica, análise da cultura material, levantamento de campo e produção de material paradidático.

4.1 Egiptomania: A presentificação do passado

Na primeira etapa, estudamos a Egiptomania como um campo específico de estudos, a partir da leitura e do fichamento da obra *Egiptomania: O Egito no Brasil*, organizada por Bakos et al. (2004). A obra reúne textos de diversos autores que evidenciam as diferentes formas de manifestação do Egito Antigo no cenário brasileiro. Dessa forma, buscamos compreender como esse fascínio pela civilização egípcia se manifesta por meio de diferentes temporalidades e formas de apropriação.

Para entender a Egiptomania, foi necessário distingui-la de outras formas pelas quais o fascínio pelo Antigo Egito se manifesta. Conforme Bakos (2004), são três as categorias que classificam esse interesse: i. egiptofilia; ii. Egiptomania; e iii. Egiptologia. A egiptofilia está relacionada à apropriação de objetos, esculturas, documentos e outros elementos da cultura egípcia; a egiptologia corresponde ao estudo científico do Antigo Egito; e a Egiptomania refere-se à reinterpretação da cultura egípcia desvinculada de seu sentido original.

Com essa fundamentação, estudamos também os principais elementos arquitetônicos encontrados em manifestações egiptomaníacas, especialmente obeliscos, esfinges, discos solares e pirâmides, buscando compreender seus significados e funções no Egito Antigo para, posteriormente, compará-los aos usos encontrados em Campanha-MG.

A partir desse referencial, articulamos os estudos sobre Egiptomania e Educação Patrimonial. Enquanto a primeira permite investigar a apropriação e a ressignificação de elementos do Egito Antigo, a segunda orienta a reflexão sobre como esses elementos devem ser utilizados para possibilitar ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia e compreender o universo sociocultural e a trajetória histórico-temporal em que está inserido. Algo incluso no conceito “alfabetização cultural” apresentado pelo InstiTuto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

4.2 Levantamento de campo e catalogação

Na segunda etapa, realizamos um levantamento de caráter exploratório na cidade de Campanha-MG. Caminhamos pela cidade buscando encontrar objetos que rememorassem elementos da cultura egípcia para além do já conhecido Obelisco do Bicentenário.

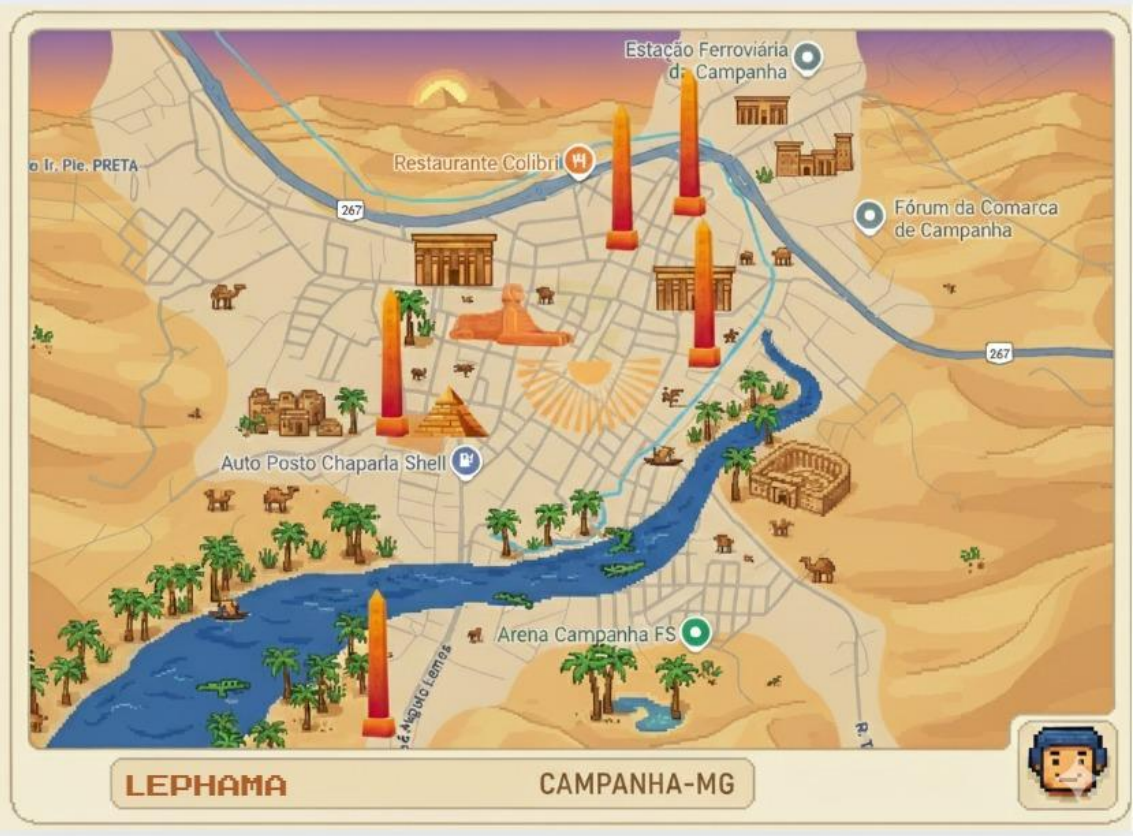
Decidimos começar pelo Cemitério Municipal na Rua Silva Lemes, por identificarmos nesse espaço diferentes elementos relacionados à Egiptomania funerária. Posteriormente, ampliamos a exploração para outras regiões da cidade, especialmente os arredores da Praça D. Ferrão e outras áreas centrais, observando fachadas, praças, edifícios religiosos, espaços culturais e estruturas funerárias.

O levantamento permitiu identificar diferentes manifestações da Egiptomania na paisagem urbana de Campanha-MG. Foram catalogados dois obeliscos e quatro referências obeliscais: i. o Obelisco do Bicentenário, na Praça Dr. Jeferson; ii. Um obelisco no Cemitério Municipal; iii. Um elemento em forma de obelisco na Avenida Desembargador João Bráulio, na altura do número 58; iv. Um elemento em forma de obelisco na Praça Margarida Marques Carvalho; v. outro na Praça Zoroastro Oliveira, ao lado do Campanha Esporte Clube; e vi. Um monumento localizado em frente à Igreja do Rosário.

Também foram identificados discos solares no teto da Catedral de Santo Antônio e na fachada de uma residência na Rua Nicolau Navarro, nº 4. Foram identificadas ainda figuras zoomórficas relacionadas à tradição das esfinges e, no Cemitério Municipal, uma estrutura piramidal.

Durante o levantamento, os objetos foram registrados fotograficamente e suas localizações foram sistematizadas. A partir dessas informações, elaboramos um mapa dos objetos egípcios em Campanha-MG, com o objetivo de sintetizar e geoespacializar os dados levantados (Figura 4).

Figura 4 - Geoespacialização dos monumentos[1]



Fonte: Acervo dos Autores, 2025

Iremos agora para a consolidação de como se deu a construção do uso destes monumentos no conto de fadas.

4.3 A Construção fantástica

Após o levantamento e a análise dos elementos Egiptomaníacos presentes na cidade, prosseguimos para a criação de um conto de fadas que: i) explore o vasto acervo Egiptomaníaco de Campanha; ii) funcione como material paradidático para o trabalho

[1] A catalogação detalhada do acervo patrimonial integrou a fase inicial da pesquisa (apresentada na edição anterior da FEMIC) e está disponível no link: https://youtu.be/JxwaEI8yYjc?si=XYd1tCwer8e9UBCZ

com Educação Patrimonial; e iii) contribua para o ensino de História Antiga e História da Arte.

Para organizarmos a construção narrativa, utilizamos o livro *"Árvore e Folha"* de J.R.R. Tolkien (2020). A escolha de Tolkien se deve ao referencial conceitual oferecido por sua reflexão sobre o conto de fadas e à possibilidade de utilizar essas categorias para organizar a transposição didática do patrimônio local.

Desta forma, os preceitos erigidos por Tolkien, como: "Mundo secundário", "recuperação/reencantamento" e "Eucatástrofe" nortearam a criação de nossa narrativa fantástica.

A *recuperação*, consiste no reencantamento do ordinário, isto é, na capacidade de lançar um novo olhar, seja de admiração ou encanto, com aquilo que se tornou cotidiano. É acima de tudo, voltar a olhar o espaço que o cerca com curiosidade. Tal noção dialoga diretamente com a Educação Patrimonial, cujo objetivo é revitalizar o olhar sobre os bens culturais e estimular a percepção de seu valor histórico e simbólico. E, acima de tudo, recuperar sua importância cívica para a história da cidade junto à sua influência egípcia.

A *Eucatástrofe*, por sua vez, manifestou-se na ressignificação do propósito do personagem principal, operando como momento de síntese narrativa e pedagógica.

Nesse sentido, o conto de fadas possibilita não apenas o *Escape* como fuga da realidade, mas um distanciamento crítico do cotidiano que abre margem à reflexão sobre temas universais, como o tempo, a memória, cultura e a morte

No conto, o *Mundo Secundário* é constituído por uma Campanha fantástica, recriada a partir da cidade real, mas povoada por deuses egípcios, animais falantes e elementos mágicos que redescobrem a cultura egípcia que os monumentos guardam.

Essa estratégia possibilita que o patrimônio local seja apresentado de maneira simbólica e sensível, favorecendo o processo de leitura histórica e patrimonial do espaço urbano.

Ao consolidar uma Campanha-MG fantástica, lançamos luz a objetos que antes estavam obscurecidos pelo desconhecimento de sua importância histórica e social.

E, ao fazer uso de uma narrativa fantástica, damos jus à potência lúdica humana, que, para Tolkien, está intrinsecamente ligada à linguagem e à capacidade humana de

subcriação. Ato esse que não se opõe à razão, mas a complementa, permitindo que o sujeito compreenda a realidade a partir de novas perspectivas (Tolkien, 2020).

E, por recusar-se a limitar-se à forma acadêmica de escrita e divulgação, faz-se romper as barreiras simbólicas que, inevitavelmente, se criam entre universidade e sociedade civil. Rompendo essas barreiras, tornamos público um conhecimento que, inegavelmente, faz parte da construção da sociedade. Aproximando ainda mais a universidade de sua função social de produtora de um conhecimento social acessível e público.

5 RESULTADOS

5.1 A fantasia pedagógica

Antes da apresentação do conto, analisamos as principais escolhas narrativas e a maneira como os conceitos de Tolkien foram incorporados à estrutura da história.

No município de Campanha, consolida-se como o mundo secundário, está recheado de magia, fantasia, animais falantes, deuses egípcios e uma memória que, presa dentro desses monumentos, busca se libertar.

Na narrativa, acompanhamos Tutancâmon, que, após sua morte, desperta no tempo presente com uma missão atribuída pelos deuses: a missão de ir ao futuro salvar o passado.

A escolha de Tutancâmon relaciona-se à ampla circulação de sua imagem no imaginário contemporâneo e à sua trajetória marcada pela ascensão ao trono ainda na infância e pela morte precoce. Na narrativa, o faraó é representado como um menino, recurso ficcional que busca aproximar o protagonista do público infantojuvenil e estabelecer uma identificação com os leitores.

Ao chegar no presente, o faraó menino se depara com duas figuras: Anúbis, o deus chacal, considerado o guia das almas no Egito Antigo, aqui se torna o guia turístico do faraó na cidade, e Bastet na forma de uma gatinha preta, que serve como protetora do faraó e alívio cômico do conto.

Juntos, eles explorarão a cidade de Campanha, entendendo os usos que os monumentos têm no presente e recordando aqueles que tinham no passado, concluindo o conceito de recuperação de Tolkien, pois apresentam uma nova forma de olhar para os monumentos, ressaltando as influências do passado que tais objetos carregam.

Contudo, a "deturpação" e o mau estado de conservação de objetos tão sagrados para a cultura do Egito Antigo geram uma inquietação no coração do faraó. Pois ele entende que seu passado, seu povo, está sendo esquecido, e isso é algo que lhe causa extrema dor, afinal, a memória, o ato de lembrar, era, na percepção dos egípcios, a consolidação da eternidade. Só se vive eternamente aquele que é lembrado, pois, ela (a memória) "[...] mantém o presente ligado ao passado; sem ela só haveria um eterno hoje e o mundo social dissolver-se-ia [...]" (Brancaglion, 2004, p, 35). O ato de esquecer-se constrói "a morte definitiva, escatológica, é sobretudo a morte social (memória coletiva) transcrita em termos metafísicos como uma segunda morte." (Brancaglion, 2004, p. 36).

Ao se deparar com a perda de sentido desses monumentos, perda da memória de sua cultura, o que o faraó menino entende é que a vida eterna de seu povo foi negada, negando junto todo o seu futuro.

Apesar deste desanimo, ele entende que deve continuar e parte em busca das esfinges, pois foi alertado pelos seus deuses guias que as esfinges guardam um tesouro que pode resolver sua angústia.

As esfinges no conto são portadoras de um enigma e guardiãs de um tesouro, ao resolver o enigma o que o faraó ganha não são potes de ouro ou uma arma, mas sim uma palavra apresentada por ele por dois personagens: Margareth Bakos e Antonio Brancaglion, que darão a ele a chave mágica para entender os monumentos e o tesouro que está escondido neles, a Egiptomania.

5.1.1 A palavra mágica: Egiptomania

A Egiptomania, esse conceito puramente acadêmico, é apresentada aqui como "feitiço", como uma palavra mágica que ajuda tanto o protagonista quanto o leitor a perceber esses monumentos como pontes entre o passado e o presente.

Além disso, a escolha da aparição destes dois pesquisadores como personagens nasce do entendimento de que o conto, por se tratar da continuação da memória, e, acima de tudo, por se tratar de acessar novos públicos, pode levar a que novas pessoas conheçam e guardem consigo a memória de estudiosos tão importantes para o campo de estudos no Brasil, como Bakos e Brancaglion.

Desta forma, os monumentos pesquisados e catalogados não são apenas a desculpa para a elaboração do conto, mas os personagens base em que a história se desenvolve.

A Egiptomania demonstra como esses monumentos, por mais transformados que estejam, ainda guardam parte do passado egípcio. O obelisco, por mais que perca sua função religiosa, mantém sua função de marco; as esfinges ainda continuam como guardiãs, a pirâmide, morada eterna do faraó, que ajudaria sua alma a alçar aos céus, tornou-se um velário, lugar onde se reza pelas almas dos que partiram.

Em cada caso, o conto mostra que a forma pode ter mudado, mas a essência simbólica permanece. Essa é a mensagem central da Educação Patrimonial: os monumentos não são apenas pedras; eles carregam memórias e significados que precisam ser lidos e interpretados.

5.1.2 A memória como Eternidade

A eucatástrofe se dá no fim do conto, quando Tutancâmon se encontra no cemitério em frente a pirâmide. O pequeno faraó está se preparando para partir, com o consolo de que a memória de seu povo está adormecida, não esquecida.

Contudo, antes de aceitar seu destino ele se lembra da missão que os deuses lhe atribuíram a de salvar o passado. E para salvar o passado cabe a ele despertar a memória

de seu povo garantindo a eles a eternidade de uma nova vida – e ele o faz tornando-se professor, ou seja, transmitindo o conhecimento às novas gerações, mantendo a memória viva. A Eucatástrofe do conto, portanto, não é um final feliz no sentido tradicional, mas a afirmação de que a memória pode ser preservada pela educação.

Toda essa construção narrativa buscou unir o conhecimento científico a uma literatura fantástica lúdica e de fácil acesso, culminando no conto "O Faraó que escolheu ficar", que está em processo final de editoração e será publicado e distribuído para as escolas do município.

5.2 O conto: "O Faraó que escolheu ficar"

As atividades desenvolvidas permitiram ampliar o alcance do projeto para além da pesquisa acadêmica de origem, transformando os resultados em produtos de divulgação científica e educação patrimonial. O principal resultado foi a consolidação do conto infantojuvenil *"O Faraó que escolheu ficar" estruturado* a partir do mapeamento das referências à cultura egípcia na paisagem de Campanha-MG (apresentado na íntegra no **Apêndice 1**). A narrativa incorporou monumentos reais da cidade, como o Obelisco do Bicentenário, as esfinges da Biblioteca Pública Municipal Cônego Vítor, elementos decorativos da Catedral de Santo Antônio e a pirâmide do Cemitério Municipal.

A obra foi adaptada para o formato de audiobook, ampliando a acessibilidade e a circulação do conteúdo. Foram elaborados materiais gráficos específicos para mediação digital, organizados com QR Codes que direcionam o público para o conto narrado e para os vídeos explicativos da pesquisa histórica (Figura 5). Durante o período de vedação eleitoral, quando os canais institucionais tiveram restrições de comunicação, a produção do audiobook garantiu a continuidade das ações do projeto.

Figura 5 - Cartaz interativo de divulgação do audiobook e das pesquisas com acesso via QR Code



Fonte: Acervo dos Autores, 2026

Com o encerramento das restrições de comunicação, o projeto intensificou as ações de difusão nas redes sociais e na imprensa regional, como a publicação de artigo temático no periódico local *Folha de Campanha* (**Apêndice 2**). Além disso, foram realizadas atividades presenciais de mediação cultural, com destaque para a participação na 24ª Feira do Livro de Campanha (FLIC), no Ginásio Canário, onde o projeto e a narrativa paradidática foram apresentados à comunidade escolar e ao público geral (Figura 6). Dessa forma, a iniciativa articulou múltiplos suportes: pesquisa histórica, literatura fantástica, produção sonora e presença comunitária.

Figura 6 - Material de divulgação da apresentação do projeto na 24ª Feira do Livro de Campanha (FLIC)



Fonte: Acervo dos Autores, 2026

Outro desdobramento central consistiu na formalização dos trâmites para a futura publicação impressa do livro paradidático. A Direção da UEMG Unidade Campanha encaminhou consulta institucional à Câmara Municipal, que manifestou interesse em apoiar o projeto por meio da Escola do Legislativo e de repasses complementares à Secretaria Municipal de Educação. Para embasar administrativamente o termo de cooperação, foi realizado um amplo estudo mercadológico envolvendo editoras, gráficas e ilustradores independentes, balizando os custos de diagramação, revisão, ilustrações inéditas e impressão de 500 exemplares destinados à doação para a rede municipal de ensino, bibliotecas e equipamentos culturais, resguardando sempre a plena autonomia pedagógica dos docentes.

5.3 A divulgação no Instagram

Também realizamos uma série de vídeos para o Instagram sobre o tema, mostrando como essa influência egípcia se manifesta na cidade. Para quem quiser conferir, os episódios estão disponíveis nos links:

- Episódio 1: https://www.instagram.com/p/C2A4vi_xS01/
- Episódio 2: https://www.instagram.com/p/C2S-ZT1xymR/
- Episódio 3: https://www.instagram.com/p/C2k-IwvxPxd/
- Episódio 4: https://www.instagram.com/p/C23Ft3oRZRL/
- Episódio 5: https://www.instagram.com/p/C3GgZ-uR7Cz/

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou como a Egiptomania é uma importante ferramenta de presentificação do passado e de compreensão das mudanças e continuidades que a história humana perpassa.

Demonstra como a área de História Antiga não é um campo distante do nosso país ou dos nossos dias, mas um campo que compõe nossa sociedade, nossa forma de pensar e, acima de tudo, está presente em espaços cotidianos em que muitas vezes não a percebemos.

Além de que demonstrou a riqueza patrimonial e egiptomaníaca da cidade de Campanha-MG, o que revela não só todo um processo de transculturação das sociedades humanas ao longo dos anos, mas também a busca de uma construção política e ideológica que se pensava no período. Tudo isso revela como o patrimônio e outras estruturas de poder que são preservados não são construídos ao mero acaso, ao apelo estético, mas sim carregam motivos, ideologias e intenções que devem ser entendidos e estudados de forma crítica. Salientando o quão importante é a alfabetização patrimonial.

Nesse contexto, a literatura fantástica mostrou-se uma estratégia profícua de História Pública e Educação Patrimonial. Inspirado na teoria da subcriação de J. R. R. Tolkien, o conto "O faraó que escolheu ficar" não buscou apenas transmitir informações sobre o Egito Antigo, mas criar um mundo secundário capaz de restituir ao leitor um olhar renovado sobre o patrimônio de sua própria cidade. A fantasia, nesse sentido, opera como um exercício de recuperação, permitindo que elementos naturalizados pela convivência cotidiana sejam novamente Percebidos como portadores de história, memória e identidade

Ao transformar o levantamento arqueológico e arquitetônico em narrativa paradidática, a pesquisa também evidencia o potencial da integração entre investigação acadêmica, produção cultural e divulgação científica. O conhecimento produzido na universidade deixa de circular exclusivamente em artigos e relatórios técnicos para alcançar novos públicos por meio da literatura, da produção audiovisual e das ações de extensão, ampliando as possibilidades de apropriação social do patrimônio.

REFERÊNCIAS

BAKOS, Margareth Marchiori. **Egiptomania:** O Egito no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

BAKOS, Margareth Marchiori; BRITO, Luciana P. **Monumentos comemorativos e a presença do Egito Antigo no Brasil.** *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 73-95, 2004.

BRANCAGLION JÚNIOR, Antônio. **Manual de arte e arqueologia egípcia.** Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003.

BRANCAGLION JÚNIOR, Antônio. A memória como eternidade: a preservação do passado no Antigo Egito. *In:* BAKOS, Margareth (org.). **Egiptomania:** O Egito no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-48.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FUNARI, Raquel dos Santos. **A Antiguidade e a formação da identidade brasileira.** São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GOMES, Amanda; SILVA, Carlos. A função pedagógica dos contos de fadas na infância. *Educação em Foco*, v. 24, n. 2, p. 45-62, 2019.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: InstiTuto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 1999.

HUIZINGA, Johan. ***Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura.** Tradução de João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KIELB, Eliziane Gorete; SILVA, Ivone Maria Mendes. Acesso à leitura e narração de contos de fadas na primeira infância. *Pensares em Revista*, São Gonçalo, n. 18, p. 112-128, 2020.

O CAMPANHENSE. Praça do Obelisco: quem te viu e quem te vê. 2016. Disponível em: [http://ocampanhense.blogspot.com/2016/01/praca-do-obelisco-quem-te-viu-e-quem-te-ve.html]. Acesso em: 27 maio 2023.

SARAIVA, Antonio José. **O monumento cívico e a paisagem urbana.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Árvore e folha.** Tradução de Reinaldo José Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2020.

APÊNDICE 1

O Faraó que Escolheu Ficar

Era uma vez, no Egito Antigo, um jovem faraó chamado Tutancâmon. Ele vivia em uma terra de sol forte e de um rio enorme, o Nilo, que dava vida ao deserto.

Enquanto caminhava à beira do rio, Tutancâmon pensava em como aquelas águas permitiam que tudo florescesse. Por causa do Nilo, seu povo plantava, construía e vivia em paz.

Foi o Nilo também que tornou possível levantar as grandes pirâmides. Para ele e seu povo, elas não eram apenas construções enormes: representavam os montes que surgiram no início do mundo e apontavam para o céu, como uma ponte entre os deuses e as pessoas. Quando o sol batia nelas, pareciam montanhas de luz.

Tutancâmon sentia orgulho de seu reino. Seu coração se enchia de alegria ao imaginar os templos com oferendas, os escribas escrevendo histórias e o povo celebrando sob a proteção dos deuses. Ele amava sua terra e queria cuidar dela com carinho.

Naquele mesmo dia, ele fechou os olhos. E quando acordou não estava mais em seu quarto, ele estava no além, no tribunal de Osiris. Anúbis o aguardava perto da porta, os olhos do deus pareciam dizer que não era preciso pressa. Ir ao além não o assustou, pois já havia imaginado aquele lugar centenas de vezes, afinal aquilo era parte de uma transição para uma nova vida e por mais que lamentasse ter vivido tão pouco, tinha certeza de que não era o fim.

O faraó se preparou, efetuando os encantamentos que aprendeu com seus sacerdotes, deixando o mais importante para o fim, aquele que impediria seu coração de mentir. Ao completar tudo ele se sentiu mais confiante e se deixou ser conduzido pelo deus chacal.

Anúbis veio ao seu encontro com os olhos calmos e disse:

- Não tenha medo, pequeno rei, se foi justo em vida, não há por que ter medo.

Com cuidado ele conduziu o faraó a sala do julgamento, em seu centro havia uma balança e perto dela estavam alguns deuses. Tut reconheceu cada um, pois os havia visto em suas estátuas e orações. Hórus, o deus-falcão, observava com seu olho que tudo vê. Maat, a deusa da verdade, segurava uma pena branca e brilhante que seria pesada junto ao coração. Thot, o deus da sabedoria com cabeça de íbis, segurava um papiro e uma pena, pronto para anotar. E no maior trono de todos, estava Osíris, o senhor do submundo, com sua coroa alta e seu corpo envolto em faixas brancas.

Anúbis, com suas mãos cuidadosas, pegou a pena de Maat e a colocou com todo o cuidado em um dos pratos da grande balança dourada. O prato nem se mexeu, tão leve era a pena da verdade e da justiça.

Depois, o deus-chacal se virou para Tutancâmon. Seus olhos bondosos fizeram um sinal para que o jovem rei recitasse o encantamento que havia aprendido. Tut respirou fundo, enche o peito de coragem e disse, com uma voz firme:

— Ó pesador da justiça, que guies o equilíbrio para que ele possa ser estabelecido!

Mal terminou de falar, algo mágico aconteceu! De dentro do seu peito, um coração de luz dourada surgiu. Ele tinha a forma de um pequeno jarro sagrado e brilhava suavemente, pulsando com a memória de cada sorriso, cada ato de bondade e cada pensamento bom que o faraó menino já teve. Anúbis o segurou com muito respeito, pronto para colocá-lo na balança.

Mas, de repente, uma luz intensa e dourada tomou conta de toda a sala, mais brilhante que o próprio sol! Era Rá, o deus-Sol, chegando em todo o seu esplendor. Seu brilho era tão quente e poderoso que parou o julgamento no mesmo instante.

Pairando sobre o tribunal, Rá olhou para todos com seriedade, e sua voz profunda ecoou pelo salão.

— Você veio para cá muito cedo, faraó. Sua história não pode terminar assim.

Ele voltou seu olhar para o alto trono:

— Por isso, peço que o juiz do submundo intervenha e dê ao menino uma segunda chance. Uma chance de fazer sua história brilhar novamente.

O salão inteiro ficou em silêncio. Tutancâmon sentiu seu coração de luz pulsar devagar, curioso e confuso. Ele poderia mesmo ser digno de uma nova chance de vida?

Então Osíris se levantou em seu trono alto. Sua voz era calma como um sopro de vento:

— Sua sabedoria é lendária, deus-sol, então não questiono suas razões. Mas mesmo você deve saber que nada poderá vir de graça.

Rá sabia o preço, e por isso, sua voz carregava confiança:

— Não será por benevolência, Osíris.

O deus-sol se voltou ao pequeno faraó e seu olhar carregava o conforto de um sol da manhã:

— Você, pequenino, viajará para um tempo e um lugar muito distante e lá encontrará sua nova missão: despertar a memória do Egito que adormeceu nessa terra.

Rá pisou no chão e se aproximou do menino, colocando a mão em seu ombro e enquanto o encarava disse:

— Pois saiba que às vezes, Tutancâmon… é preciso cuidar do futuro para salvar o passado.

Osíris do seu trono traçou um gesto lento, um círculo no ar, dizendo:

— Então é sobre isso, salvar o passado...

Suas últimas palavras foram interrompidas, pois um redemoinho dourado se abriu ao redor de Tutancâmon, quente como o sol e suave como linho. O chão desapareceu, o teto sumiu, o salão se transformou-se em luz. Mas as palavras de sua missão ainda ecoavam na cabeça do faraó:

Era preciso salvar o passado.

Quando o brilho cessou, ele já não estava no tribunal.

Estava… em um pequeno barco que flutuava perto de uma ponte de pedra, sob um céu cinzento e pesado. Um cheiro estranho encheu o nariz do faraó. Ele olhou para a água e seu coração apertou.

Onde estavam as águas azuis do Nilo?

Diante dele havia apenas um fio de água marrom e cansada, cercada de lixo:

– Os rios deveriam ser sagrados… — murmurou Tutancâmon. — Eles dão a vida. Mas este aqui… está doente. Mal-cuidado. Que lugar é esse?

— Na Ponte das Almas, pequeno rei — respondeu uma voz calma. — Estamos muito longe do nosso tempo e da nossa terra.

Tutancâmon se virou para a direção da voz e viu um pássaro imponente, parado na encosta do rio. Ele tinha pernas longas e finas, um pescoço elegante e uma plumagem cinzenta. Embora fosse um pouco diferente, era extremamente familiar ao íbis sagrado que vivia no Egito. Tutancâmon soube imediatamente quem era aquele ser majestoso.

– Thot? – perguntou o menino, com a voz cheia de esperança. – É você, senhor da sabedoria? Mas você… você não é um íbis! — disse o faraó, confuso. — O deus Thot sempre teve cabeça de íbis!

Aquele pássaro emitiu um canto suave, que soou como uma risada gentil:

– As pessoas desta terra, há muito tempo, olharam para os deuses do Egito e tentaram entendê-los com os olhos que tinham. E o que eles conheciam aqui era a saracura, uma ave sábia das águas doces, assim como o íbis é no nosso Nilo.

Thot bateu suas asas largas, voando para mais perto do faraó menino: – Eles me fizeram de saracura não para me mudar, mas para me trazer para o mundo deles.

– Então... o nosso Egito está presente aqui? – perguntou o faraó, seus olhos brilhando de curiosidade.

– Está! – respondeu Thot, empoleirando-se num galho próximo. – Eles guardaram como quem guarda um baú de tesouro fechado. Conseguiam ver que era especial pela beleza do baú, mas o verdadeiro tesouro, as histórias, os segredos e a magia que estão dentro, ficaram trancadas por todos esses anos.

O deus-saracura inclinou a cabeça, fitando Tutancâmon com seus olhos sábios: – Sua missão, pequeno faraó, não é brigar porque não abriram o baú. É ajudá-los a encontrar a chave para abrir a caixa e descobrir todas as maravilhas que esquecem de ver.

Thot abriu suas asas, prontinho para voar.

– Minha parte na sua jornada termina aqui, pequeno faraó. Lembre-se do baú de tesouro. Espero que você encontre a chave para abri-lo.

A saracura sábia alçou voo, subindo até desaparecer entre as nuvens. Tutancâmon ficou sozinho à beira do rio. Quando começou a se sentir solitário surgiram das sombras da encosta, duas figuras. A primeira era um homem alto e tranquilo, usando um chapéu de palha que escondia parte de seu rosto. Mesmo assim, dava para ver que seus olhos eram escuros e muito bondosos e causavam um sentimento de familiaridade.

– Não tema, grande Faraó. Estou aqui para guiá-lo – disse o homem, com uma voz profunda e calma que fez com que imediatamente Tut soubesse que era do próprio deus Anúbis, e pôde se sentir seguro, pois teria um bom guia em sua jornada.

Antes que Tutancâmon pudesse responder, a segunda figura pulou rapidamente para perto do faraó e esfregou-se em suas pernas. Olhando para baixo, ele viu uma gata esbelta e elegante, com pelagem dourada como a areia do deserto e olhos verdes que brilhavam como esmeraldas.

– E eu sou a Bastet – disse a gatinha, com uma voz que era um suave ronronar musical. – Vim junto do grandão ali para te guiar e proteger nesta nova terra.

A gata voltou-se graciosamente em direção ao homem de chapéu. – E este carinhoso aqui é Anúbis, como você deve ter imaginado, – ela apresentou, piscando um olho para Tutancâmon. – Não se deixe enganar pelo silêncio dele. É o melhor guia que se pode ter, conhece todos os caminhos entre este mundo e o outro!

Anúbis inclinou levemente a cabeça, e pela primeira vez Tutancâmon viu um pequeno sorriso nos cantos de sua boca. Seus olhos escuros brilhavam com uma luz familiar e protetora.

– Ele vai te levar até os lugares onde nosso Egito ainda vive por aqui – explicou Bastet, saltando para o ombro do faraó menino com um movimento suave. – E eu... bem, eu vou garantir que essa aventura tenha alguma diversão!

O coração de Tutancâmon, que até então estava apertado de solidão, encheu-se de um calor reconfortante. Ele não estava sozinho. Tinha uma deusa-gata travessa e um deus-guia silencioso ao seu lado.

– O nosso primeiro destino – disse Anúbis, apontando com o queixo para além das árvores – é o Obelisco do Bicentenário.

– Um obelisco! – exclamou Tut, e seus olhos brilharam. Ele mal podia esperar para ver aquela agulha de pedra cercada de flores e pessoas rezando para o seu amigo Rá, o deus-Sol.

Mas a imagem feliz na sua cabeça não duraria muito. Uma grande surpresa, e uma tristeza ainda maior, o aguardava na praça.

Mas quando chegaram à praça, o sorriso do faraó menino congelou e seu coração pareceu parar. Pois lá estava o obelisco. Mas ele não era imponente nem brilhante. Sua pedra estava suja, marcada por riscos coloridos que formavam nomes e desenhos sem sentido para o faraó. O chão ao redor estava descuidado, e as pessoas passavam por ele sem sequer olhar.

Isto… isto é uma ofensa! — sussurrou Tut, com a voz trêmula. – Um raio de sol... um monumento dos deuses... tratado como um muro qualquer! O coração de Rá, o deus-Sol, deve estar chorando.

Ele correu para a base do obelisco e tocou as pichações, sentindo uma tristeza tão grande que mal podia respirar. Era a prova final de que a memória do povo egípcio estava não só adormecida, mas ferida.

Bastet se encostou gentilmente em seu ombro.

– Eles não fazem por mal, pequeno rei. Eles só não sabem a chave para poder ver o tesouro que há dentro disso tudo.

Tutancâmon ainda encarando o obelisco, um monumento religioso de seu povo reduzido a uma pedra abandonada, perguntou:

-- E vocês? Vocês deuses sabem qual é essa chave para corrigir isso tudo?!

A deusa gata que antes era tão falante se aquietou e desceu do ombro do menino com as orelhas baixas e Anúbis sempre tão sério, agora parecia igualmente perdido.

— O caminho para a correção não é claro para nós, pequeno rei - admitiu Anúbis, com tristeza na voz. — Sentimos a dor do esquecimento… mas a cura só pode ser encontrada aqui, neste tempo.

Bastet, envergonhada por não saber como ajudar, disse.

– Eles nos trouxeram para cá, mas a resposta... a resposta não veio conosco.

O coração de Tutancâmon pareceu afundar. Até os deuses estavam perdidos?

Mas então, os olhos de Anúbis se fixaram em algo ao longe, para além dos telhados da cidade, como se ele parecesse se lembrar de algo:

– Há um lugar que talvez tenha a resposta que procure, jovem faraó. As Esfinges. Elas sempre foram as guardiãs das coisas sagradas. Se alguma resposta existe em Campanha, ela estará com elas.

O faraó menino, ainda deprimido e preocupado com a incerteza de encontrar o que procurava, suspirou por um momento e disse:

- Agir na incerteza é melhor do que não fazer nada, então vamos para lá.

A jornada até o museu foi curta. Porém, ao avistarem as duas grandes estátuas de pedra flanqueando a entrada, Tutancâmon parou, confuso.

– Mas... essas não são Esfinges! – exclamou ele, perplexo. – Onde estão as cabeças de faraó? Os rostos sábios? Estas são apenas... *leões*!

Eram de fato duas imponentes estátuas de leões, majestosos, mas incontestavelmente apenas leões. Ainda assim, Anúbis fez um gesto calmo.

– A forma pode ter mudado, pequeno rei, mas a essência da guarda permanece. Sinta. Elas ainda protegem este lugar.

Hesitante, Tutancâmon deu um passo em direção à escadaria do museu, entre os dois leões de pedra. No mesmo instante, uma luz acendeu nos olhos da estátua e uma voz ecoou, não pelos ares, mas diretamente em suas mentes. Era uma voz dupla, feita do rugir do vento e do rosnar de uma fera.

“Aquele que busca a chave para a memória adormecida, deve primeiro provar que sua intenção é pura. Responda: Sou a sombra do que foi, o guia do que é. Sem mim, reinos caem e histórias se perdem. Os sábios me respeitam, os tolos me ignoram. O que sou eu?”

Tutancâmon ficou paralisado. Ela trouxe um enigma e um dos difíceis! Depois de parar por um momento tentando responder, mas nada vinha a mente, ele se sentia confuso.

O faraó se virou para seus guias em busca de ajuda, mas Anúbis e Bastet pareciam tão perdidos quanto ele.

– Eu sou um guia para o além, sou péssimo em enigmas! – disse Anúbis, ele parecia muito frustrado.

– E eu sou apenas uma gatinha! Enigmas dão dor de cabeça! – miou Bastet, lambendo a pata com nervosismo.

O silêncio das esfinges junto aos seus olhos brilhantes, era assustador. Tut suspirou, desanimado. Parecia que eles estavam de novo perdidos. “se Thot estivesse aqui ele com certeza responderia isso rapidamente”, pensou o faraó, que logo disse em um suspiro:

- Se pelo menos tivéssemos a visão que Thot tem para coisas assim, tudo seria mais fácil.

Bastet, sentada lambendo sua patinha, ergueu sua orelhas de repente e disse: – Visão... Visão! É ISSO! – Os olhos da gata brilharam como duas esmeraldas no sol. Ela parou de lamber a pata e ergueu-se, animadíssima. – É claro, como não pensamos nele antes? Se há alguém que pode ver a resposta onde ninguém mais vê, é Hórus! Venham comigo!

A gata os levou direto para a catedral. Lá dentro, bem no alto, atrás da igreja havia um olho, o olho de hórus.

– É ele! – ofegou Tut, parando na frente da porta. – É o símbolo de Hórus, até isso está aqui!

– É apenas inspirado no símbolo dele, pequeno rei – explicou Anúbis, olhando para o olho no fundo da igreja – Mas ainda carrega o um pouco do deus nele. E é por isso que podemos convocá-lo.

Bastet como uma gatinha impaciente, miou para o símbolo.

– Hórus! Ó, grande senhor do céu, nós precisamos da sua visão!

Por um momento, nada aconteceu. Então, um vento suave rodopiou dentro da igreja ele carregava uma voz clara e penetrante. Era como se ela ecoasse na mente deles.

"O enigma das guardiãs é profundo, mas a resposta é simples para quem enxerga o fio que liga todas as coisas. Vocês buscam a 'sombra do que foi' e o 'guia do que é'. O que, senão a MEMÓRIA, pode ser ambas as coisas? A memória é a sombra do passado e

a luz que guia o futuro. É ela que impede que reinos caiam no esquecimento. É ela que os sábios buscam preservar. Essa é a chave."

A resposta entrou na mente de Tutancâmon como um clarão. Era tão óbvio! Ele sentiu uma alegria enorme transbordar em seu peito.

– MEMÓRIA! – gritou ele, quase pulando de felicidade. – A resposta é a Memória!

– Isso mesmo, jovem faraó – continuou a voz de Hórus, agora soando mais suave. – Agora, corram! Levem esta resposta às guardiãs.

Animados e cheios de uma nova esperança, os três saíram da igreja e correram de volta para o museu. Dessa vez, Tutancâmon não hesitou. Ele caminhou direto entre os dois leões de pedra, ergueu os braços e anunciou com toda a confiança:

– Guardiãs! A resposta para o vosso enigma é A MEMÓRIA!

Um profundo tremor pareceu percorrer as estátuas. Os olhos de pedra brilharam intensamente por um instante, e então a voz dupla ecoou em suas mentes pela última vez, agora soando satisfeita:

"A chave foi aceita. A memória é o caminho. Sigam-na até o lugar onde o ontem e o amanhã se encontram: a Casa das Histórias. A UEMG."

Bastet caminhou à frente, com o rabo empinado como quem sabe exatamente onde está indo. Ela parou diante da uma porta grande e a empurrou com a cabeça.

Tutancâmon entrou devagarinho. O lugar era enorme, cheio de livros com histórias e conhecimentos infinitos para contar.

Mas, no centro da sala, sentados diante de uma mesa cheia de livros, estavam duas pessoas.

Não eram deuses.

Não eram espíritos.

Não tinham nem cauda, nem orelhas pontudas, nem asas.

E, mesmo assim, pareciam muito importantes.

A mulher levantou a cabeça e sorriu com calma.

— Eu sou Margaret Bakos.

— E eu sou Antônio Brancaglion — completou o homem que estava ao lado dela. Tutancâmon piscou várias vezes esperando algo a mais, mas então percebeu:

— Esperem… vocês são só… pessoas? Como podem ser o tesouro? Eu estava esperando… sei lá… uma sala secreta! Algo mágico!

— Ah, meu jovem faraó — disse Bakos, rindo baixinho — e quem disse que não temos nenhum segredo ou mesmo mágico?

Brancaglion levantou um livro e mostrou a foto de um obelisco.

Tutancâmon chegou mais perto, curioso. Depois, franziu a testa.

— Esse obelisco… é do meu povo!

— Sabemos muito bem.

O senhor respondeu prontamente. O que fez o faraó continuar:

— Mas aqui ele está tão diferente… por que eles levaram coisas nossas ou construíram parecidas? Isso não é errado?

Bakos se aproximou e colocou a mão no ombro dele.

— Tutancâmon… isso não é ofensa. É admiração.

O faraó arregalou os olhos.

— Admiração? Mesmo?

— Sim — respondeu ela, com um sorriso. — O Egito foi tão incrível que muita gente, em muitos lugares, quis copiar um pedacinho dele. Eles acharam sua cultura tão especial que queriam se sentir perto dela, fazer parte dela. Por isso fizeram obeliscos e símbolos parecidos. Era como dizer: "Nós também queremos fazer parte dessa história."

Tut pensou um pouco. Depois confessou:

— Eu achei que estavam… hum… *roubando* a ideia.

Brancaglion riu.

— Na verdade, eles estavam relembrando a ideia! Isso se chama reutilização ou ressignificação. Você sabia que até um monumento pode ganhar um novo significado quando muda de lugar?

Tut balançou a cabeça, maravilhado.

— Mas então… meu povo não foi esquecido?

— Esquecido? — Bastet deu um miado indignado. — Nem um pouco!

Bakos concordou:

— Pelo contrário, esses monumentos se tornaram pontes entre o Egito Antigo e o presente.

E é aí que entra a palavra *mágica*: Egiptomania.

Tutancâmon repetiu devagar:

— E-gip-to-ma-nia…? Parece nome de feitiço!

— E, de certa forma, é — disse Bakos, piscando. — É o encanto que o Egito provoca até hoje. É quando símbolos egípcios renascem, aparecem em outros lugares, viram inspiração.

É como se o seu povo estivesse sempre sussurrando histórias para o mundo.

Tut sorriu. Seu coração pareceu ficar mais leve.

— Então… o que o obelisco faz aqui?

— Ele não é algo religioso — disse Brancaglion. — Ele guarda a memória do Egito, mas também a memória das pessoas que o construíram neste lugar. Ele tenta ligar os dois mundos ao mesmo tempo.

Anúbis cruzou os braços e fez cara de quem já sabia de tudo.

— Foi por isso que as esfinges os trouxeram até aqui. O tesouro não era ouro, Tutancâmon. O tesouro era…

Bakos completou:

— O conhecimento. A memória. A Egiptomania.

Tutancâmon ergueu o queixo, orgulhoso e feliz.

— Agora entendi. Agora posso continuar minha missão.

E Bastet miou, como quem diz: “Finalmente!”

- Então essa é a chave do tesouro? A Egiptomania? Perguntou Tut, curioso com tudo aquilo.

- Sim – respondeu Bakos – ela é a chave para ver o tesouro que esses monumentos escondem, parte de um passado que se torna presente na memória daqueles que o buscam conhecer.

- o Egito continua a existir nesses monumentos, assim como aqueles que foram eternizados por eles – completou Brancaglion

Tutancâmon ficou em silêncio por um longo momento, absorvendo aquela verdade. Seus olhos brilharam com uma compreensão profunda. Ele olhou para os livros, para Margareth e Antônio, e viu o padrão que unia tudo.

Depois de ouvir Bakos e Brancaglion, o coração de Tutancâmon parecia muito mais leve.

Ele finalmente sabia: seu povo não tinha sido esquecido. O Egito continuava vivo nas memórias, nos monumentos e até nos sonhos das pessoas. Anúbis com um pouco de pesar na voz, disse:

- Ao encontrar a chave, pequeno faraó, temos um último lugar para ir.

E guiado por Bastet e Anúbis, ele caminhou até o antigo cemitério da cidade. Lá, no silêncio entre as árvores, algo brilhava.

Uma pequena pirâmide o esperava. Ela não era feita de pedra do deserto, nem dourada pelo sol de Rá. Mas guardava uma luz suave, como se conhecesse o faraó desde sempre.

— É uma porta, — sussurrou Anúbis. — Se você quiser, ela o levará de volta ao além. Sua alma poderá descansar.

Tutancâmon tocou a pirâmide.

Uma energia quente subiu por suas mãos.

Por um instante, ele viu seus pais, viu seu povo, viu as terras do Nilo. Viu tudo aquilo que amava.

Bastet abaixou as orelhas. Anúbis desviou o olhar. Eles já sabiam o que estava para acontecer.

— Vocês nos ensinaram tantas coisas, principalmente que não devemos temer o nosso futuro, estaremos vivos... — disse Bastet com a voz embargada para Bakos e Brancaglion — Mas talvez agora seja hora de partimos, não é pequeno rei?

A luz da pirâmide cresceu. Era o momento da despedida.

Tutancâmon respirou fundo. A sala toda ficou silenciosa. Bastet chorou baixinho. Até Anúbis tremeu um pouco. O faraó menino deu um passo à frente e…

… parou. Ele olhou para a pirâmide. Depois, olhou para a cidade. Lembrou-se dos resquícios do Egito que agora entendia tão bem.

— Eu não vou embora. — disse ele. Os deuses arregalaram os olhos. — Eu encontrei minha nova missão.

— Se o Egito vive na memória… então eu quero ajudar as pessoas a lembrar. — Eu quero ensinar.

A pirâmide brilhou uma última vez, como se sorrisse, e depois se apagou. E ele continuou:

— Eu agora entendo o que Rá quis dizer, se eu cuidar da memória do Egito aqui, cuidarei do seu passado.

O vento soprou suave.

O peso da despedida se desfez.

Anúbis pousou sua mão sobre o ombro do faraó.

— Então você ficará…

Tutancâmon sorriu.

— Sim. Eu vou me tornar um professor. Vou contar histórias, vou guardar memórias e vou ensinar as pessoas a ver o que está escondido. Afinal… essa também é uma forma de manter a memória do meu Egito viva.

E assim, o faraó menino ficou, não para reinar.

Mas para ensinar.

E naquele cemitério silencioso, a pequena pirâmide guardou não uma alma… mas a promessa de um futuro.

APÊNDICE 2

Março 2026 FOLHA CA

O mistério do faraó que decidiu viver em Campanha

O conto "O faraó que escolheu ficar", escrito por Pedro Miguel Carvalho Silva e orientado por Ygor Klain Belchior, constitui o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História pela UEMG - Campanha. O texto, ainda inédito, foi desenvolvido com financiamento da FAPEMIG (APQ-02016-25 e FCT-00013-25), utilizando a narrativa para investigar a presença de elementos da Antiguidade na paisagem urbana. Ao caminhar por Campanha, identificamos obeliscos, esfinges e pirâmides que são vestígios de uma recepção cultural específica, muitas vezes tratada apenas como adorno paisagístico. O trabalho surge como uma estratégia de divulgação científica para transformar esses monumentos em objetos de reflexão viva, preparando o terreno para o lançamento da obra ao público no final deste ano.



A trama acompanha o jovem faraó Tutancâmon que, ao despertar em uma Campanha mística e desconhecida, depara-se com deuses como Anúbis e Bastet em locais familiares aos campanhenses. A narrativa conduz o leitor por uma jornada de descoberta onde o Rio Lambari e a arquitetura local tornam-se cenários de uma missão sagrada: salvar a memória para proteger o futuro. Ao enfrentar o estranhamento de ver o Egito em solo mineiro, o protagonista ensina que o patrimônio não é uma herança estática, mas uma presença viva que exige cuidado e reconhecimento. É um convite lúdico para que o público redescubra a cidade através do olhar do outro, transformando espaços cotidianos em portais para o conhecimento histórico e a imaginação.

A existência de um curso de História em Campanha é fundamental para que a população exerça um direito essencial: o acesso ao seu próprio passado e patrimônio. Frequentemente, a figura do historiador é associada apenas à guarda de datas, mas sua função social é a de mediador que permite o pertencimento. Sem a análise histórica, os símbolos egípcios presentes na arquitetura e nos cemitérios da cidade permanecem mudos. O historiador oferece a chave de leitura para que o cidadão reconheça esses espaços como parte de sua identidade e não como estruturas isoladas. É um direito ao passado que garante a base para o futuro da comunidade, transformando o conhecimento acadêmico em ferramenta de cidadania.

Embora o conto ainda não tenha sido lançado, o projeto prevê a sua transformação em material didático para as escolas da rede municipal de Campanha em 2027. A narrativa utiliza o deslocamento de um protagonista estrangeiro para explorar pontos específicos da cidade, como a Ponte das Almas e o Rio Lambari, conectando-os à mitologia egípcia. Esta abordagem não simplifica o conhecimento histórico, mas o torna palatável e sentido, permitindo que estudantes e moradores se apropriem da história local de forma lúdica. Ao unirmos a pesquisa financiada pela universidade com a educação básica, reafirmamos que o patrimônio de Campanha é um bem coletivo que deve ser conhecido para ser efetivamente preservado.

Pedro Miguel Carvalho Silva
Ygor Klain Belchior